

Comunidades migrantes em situação dipolar:

Análise de três casos de emigração especializada
para os E. U. A., para o Brasil e para França

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Para além da articulação das grandes causas económicas e sociais responsáveis pela movimentação de emigrantes ao nível internacional, existem dentro do País contextos diversos que favorecem a existência de diferentes correntes de emigração, condicionando ao nível regional e local o modo como estas se desenvolvem, se organizam e se mantêm.

Ao nível genérico nacional, emigra-se porque o País não foi capaz de estabelecer o justo equilíbrio entre a população e as condições de vida que nele existem. Emigra-se, como se emigrou, porque há desemprego ou subemprego, impossibilidade de construir poupanças e falta de segurança para o futuro.

Ao nível regional, emigra-se porque há falta ou desadaptação das infra-estruturas produtivas: uma agricultura com técnicas obsoletas, uma indústria artesanal e uma rede de distribuição inadequada às exigências do consumo e ao desenvolvimento da produção.

Ao nível local, emigra-se porque é geral a verificação da insegurança e das dificuldades, porque aí não se arranjam empregos e, sobretudo, porque os que emigram estão contentes de o terem feito.

Os estudos locais são, assim, a particularização do grande fenómeno social que é a emigração, constituindo os estudos individuais uma personalização do mesmo.

Para além de todo o interesse que, sem dúvida, revestem as análises do fenómeno ao nível nacional, caracterizadas por uma abordagem macroscópica (portanto, de carácter geral e despersonalizado), elas não constituem o objecto deste trabalho. Com efeito, localizar-nos-emos aqui ao nível de situações locais, em que os migrantes são tomados como homens portadores e transformadores de uma cultura de origem. Com apoio em exemplos escolhidos, serão estudados o fenómeno de fixação no estrangeiro (escolha intencional do local de residência e de trabalho, maneira de viver e formas de associação) e as diversas formas de ligação social e cultural que o

emigrante estabelece e mantém com Portugal. Mais precisamente, estes laços vinculam-se à vila, à aldeia ou à povoação que o viu nascer, pois é com o meio social de origem que continua a sentir uma verdadeira identificação.

RAÍZES CULTURAIS DAS FORMAS DE ASSOCIAÇÃO DE MIGRANTES E DA SUA LIGAÇÃO À TERRA DE ORIGEM

A cada português adulto a quem a ausência de privilégios de nascimento e a falta de oportunidades no contexto local apenas oferecem um leque limitado de vias profissionais, com um presente pouco satisfatório ou com um futuro muito duvidoso, aparece uma solução alternativa: a saída para fora da terra, que, em grande parte dos casos, se transforma em emigração para o estrangeiro.

Em favor desta opção, que nada tem de livre, existem modelos consagrados pela repetição de comportamentos que, observados de maneira inconsciente, vão sendo assimilados supostamente como naturais; comportamentos que se acumulam e se integram, tornando cada vez mais forte o peso da tradição de emigrar.

Também as grandes linhas geográficas de percurso e de destino não dependem exclusivamente de uma decisão individual. Não pode, por isso, falar-se de uma liberdade de escolha do local exacto do destino. A fixação de um grupo de emigrantes da mesma localidade numa determinada região geográfica, em país estrangeiro, tende a atrair para o mesmo sítio os seus conterrâneos.

Um português sai do País com uma determinada vivência, com hábitos interiorizados, dos quais não pode desligar-se facilmente, e com uma convivência social com pessoas e grupos que partilharam a mesma experiência de vida, acreditaram em valores idênticos e cuja acção é pautada por códigos comuns de conduta.

Para além dos laços individuais e directos de ligação que tantas vezes se estabelecem ao nível das relações familiares, existem laços de relações locais — laços de convívio e vizinhança — cuja rede enlaça e prende todos os elementos de um grupo, reforçando os próprios laços de parentesco que já existam.

Num ambiente residencial de área bem delimitada, os contactos são estreitos e directos, tudo se presencia e se sabe, a informação circula rapidamente. Os elos de ligação que os emigrantes mantêm com a terra de origem, como elementos de um grupo, fazem que cada um deles assuma na terra natal o papel de difusor de uma informação que possibilita o conhecimento de novas condições de vida, estimula o desejo de alcançá-las e possibilita ou facilita o meio de consegui-las.

Em particular no que respeita à procura de instalação e de trabalho no estrangeiro, é natural que se busque a ajuda de pessoas em quem se tem confiança, escolhendo como futuros lugares de fixação os sítios em que tais pessoas já se encontram.

Existindo em dada localidade condições que permitam ao mercado de trabalho local absorver a mão-de-obra potencial que se dispõe a procurá-lo e condições residenciais que permitam, paralelamente, a sua fixação, qualquer núcleo de imigrados que por acaso aí se tenha estabelecido poderá vir a exercer o papel de «bomba aspirante», transferindo para o sítio onde agora vive grande número de pessoas da mesma origem.

Este mecanismo, exercido e consentido com maior ou menor consciência e traduzindo-se por um percurso migratório mais ou menos directo, tem sido repetido ao longo dos anos nos vários ciclos da emigração portuguesa e verifica-se em diversos movimentos migratórios de vários países. Pela regularidade da sua existência no tempo e pela idêntica articulação do seu processamento no espaço, constitui um padrão de comportamento próprio do fenómeno migratório, considerado quer ao nível nacional quer ao nível internacional¹.

Mesmo que não tivéssemos recorrido a argumentos fundados na natureza cultural do fenómeno para a justificação operacional do processo de emigração (observação ao nível local dos comportamentos anteriores, influência das pessoas conhecidas, apoio dos conterrâneos, etc.), a sua constância e a sua generalidade mostrariam por si sós que se trata de um padrão de comportamento universal nascido por uma exigência de conservação de identidade cultural.

Igual fundamento teórico tem o problema da consolidação de grupos imigrados em núcleos dotados de afinidade cultural, podendo, em certos casos, constituir verdadeiras transplantações de uma mesma comunidade de origem.

Na generalidade das sociedades, o aparecimento de uma inclusão culturalmente diferenciada dá origem a um fenómeno de rejeição automática. Esta posição etnocêntrica faz considerar no dia-a-dia só como «bons», e diríamos mesmo como «únicos», os hábitos prevalecentes sancionados pela maioria. Tende assim a estabelecer-se uma valorização negativa dos hábitos que dela diferem e integram outras formas de cultura, muitas vezes seriamente incompreendidas.

Esta falta de relatividade no julgamento de hábitos culturais diversos levanta barreiras sociais aos recém-chegados — verdadeiros estrangeiros não só no sentido nacional, mas também, e sobretudo, no sentido cultural —, favorecendo o aparecimento de movimentos de tipo associativo (formal e informal), pelos quais os imigrantes procuram colmatar o intenso vazio que de repente se abre entre eles e a sociedade onde passaram a viver. Pode dizer-se que nela existem sem a ela pertencerem verdadeiramente.

O isolamento a que, na maior parte das vezes, é votado o imigrante, a hostilidade que poderá encontrar ou, no mínimo, a severidade que acompanha os julgamentos sobre a sua maneira de agir, pertencem à gama diversa de atitudes que o desenquadraram na sociedade onde passou a viver e que favorecem a sua radicalização cultural e a tendência para o associativismo selectivo de cariz nacional, regional e local, que desenvolve.

O estabelecimento das hipóteses precedentes levou-nos a considerar três casos que as ilustram de forma típica. Escolhemo-los pela especificidade do fenómeno que representam, por isso intencionalmente, com uma preocupação de esclarecimento e compreensão, e não de representatividade. Quer sobretudo mostrar-se a existência e a regularidade dos processos já apontados: concentração geográfica de migrantes oriundos da mesma terra;

¹ Hägerstrand (*Innovation Diffusion as a Spatial Process*, Chicago Press, 1967, p. 233), citando Wallander (1948), diz-nos: «[...] the existence of friends and acquaintances in a given place considerably enhanced of its being selected as a migration destination [...] it is also known that the same mechanism was a significant factor in maintaining patterns of migration to America. It influenced both the selection of immigrants [...] and their place of settlement in America.»

forma e permanência das relações socioculturais que entre si e com a comunidade de origem estabelecem e mantêm.

Assim, examinaremos o caso de Mira de Aire, vila de certo desenvolvimento industrial com uma grande e antiga colónia de emigrados nos E. U. A.; Vila Cova-a-Coelheira, aldeia pouco desenvolvida, de estrita vocação agrícola e com uma comunidade emigrada no Brasil; e Queiriga, aldeia agrícola que conheceu no passado uma prosperidade notável, devida à exploração de minas de volfrâmio e estanho, e que possui agora, sem que tenda para a decadência, uma forte emigração para França.

Deste modo, temos três casos com diferentes dimensões, recursos, passado e situações actuais, cujos emigrantes escolheram destinos específicos e bem diferenciados.

Como característica comum observa-se uma ligação afectiva e material extremamente forte entre as comunidades de origem e as respectivas colónias emigradas.

MIRA DE AIRE

Mira de Aire, apesar de não estar muito longe da costa, pode considerar-se uma povoação do interior pela barreira de isolamento constituída pela serra de Aire.

De recursos materiais muito reduzidos, com um solo pedregoso, onde a propriedade agrícola, extremamente dividida, é uma verdadeira conquista do homem, só aí se encontram freixos, carvalhos e oliveiras; as terras de cultivo são poucas. O azeite é praticamente a única produção anual a ter em conta, embora o seu rendimento seja irregular. O pastoreio, podendo hoje considerar-se em franco declínio, foi uma das poucas actividades consentâneas com as condições naturais que se prolongaram até quase aos nossos dias; a sua existência favoreceu a continuidade de um artesanato implantado desde longa data: o fabrico de mantas e tapetes.

Perante tais condições, os homens válidos viram-se obrigados a procurar fora da terra o seu sustento e o sustento dos seus. Assim, desde o século passado processaram-se nesta localidade movimento migratórios, dentro do país e para fora dele.

Para o estrangeiro tiveram um lugar importante as migrações dirigidas ao Brasil e que, a partir daí, se encaminharam para os E. U. A., onde, desde o decénio 1920-30, se veio a constituir uma colónia de grande representatividade numérica.

Condicionada a imigração nos E. U. A., o primeiro dos destinos acima indicados transformou-se em passagem obrigatória para quem quis atingir o segundo. E, tendo de ser tomada a via ilegal, muitos foram os que utilizaram a rede de passadores clandestinos existente, o que tornava mais fácil o acesso ao objectivo final.

Viajando encerrados em compartimentos falsos junto aos cascos dos navios, os emigrantes (se não eram apanhados) conseguiam, com a cumplicidade de alguns marinheiros e funcionários portuários, chegar ao que julgavam ser a «terra da promessa», iniciando nova luta numa estadia que, também por ser clandestina, os punha em inferioridade perante as condições de vida existentes.

Assim, trabalhando inicialmente na abertura de estradas e de caminhos-de-ferro e na construção civil, só posteriormente viriam a empregar-se em fábricas, ocupação profissional que hoje mantêm genericamente.

Os «americanos»² são, sem dúvida, personagens centrais deste primeiro período emigratório e encontram-se sobretudo fixados no estado de Connecticut (Nova Inglaterra), onde, em Hartford, constituem um grande grupo.

Os que saíram de Mira de Aire para se fixar noutras zonas de Portugal deslocavam-se para a região vinícola do centro do País (Bombarral, Cadaval e Torres Vedras), realizando diversas actividades de natureza agrícola; ou dirigiam-se à capital para trabalhar em obras públicas.

Em número mais restrito, os cardadores (ocupação que tinha raízes na actividade pastoril já enunciada) ofereciam os seus serviços de terra em terra, nomeadamente na região limítrofe de Lisboa. Da mesma maneira, um comércio de couros, lãs e peles foi-se lentamente instituindo e florescendo.

A economia de Mira de Aire articulava-se em duas fases interdependentes, mas de características marcadamente diferenciadas, com forte incidência na sua vida social. No Verão trabalhavam-se as terras e colhia-se o trigo (que era pouco) e em Janeiro, depois de deixar também a azeitona apanhada, os homens partiam sós, iniciando um novo ciclo migratório anual dentro do País.

As festas de São Silvestre, no fim do ano, e as festas de São João, em Junho, serviam de limites cronológicos naturais a esta ausência temporária.

Na primeira das fases consideradas, a povoação mantinha todo o corpo social que a constituía; na segunda, a amputação, ainda que temporária, de uma das suas partes vitais — os homens novos — introduzia grandes modificações ao nível da estrutura e organização sociais, em especial ao nível familiar, dado o desenquadramento que desta situação resultava para as mulheres e as crianças.

Aos comerciantes mirenses, que se deslocavam por todo o país, nomeadamente às feiras do Alentejo e do Algarve, não chegava o débito da produção artesanal que lhes era oferecido por Mira e que em breve teria de se transformar em produção industrial.

Paralelamente aos grandes anos da emigração para os E. U. A. e posteriormente à emigração para as colónias portuguesas em África, que a tinha antecedido, nascem as primeiras grandes fábricas de lanifícios de Mira de Aire. É preciso assinalar o contributo de alguns emigrantes para o desenvolvimento desta actividade. Sem uma rede bancária que absorvesse as economias que realizavam, eram em muitos casos solicitados pessoalmente pelos industriais locais a fazerem-lhes empréstimos a juros; confiavam-lhes assim as suas poupanças, dado que a eles estavam ligados por um estreito convívio anterior, ou até por laços familiares, que favoreciam um clima de confiança.

Em Mira, como então era designada a povoação que deu origem à actual Mira de Aire (promovida à dignidade administrativa de vila depois de 1933), só ficavam mulheres e crianças.

Os que partiam não eram chamados *emigrantes*, palavra que ainda hoje aí conserva uma conotação depreciativa, mas *ausentes*, o que constitui um particularismo local de linguagem.

Nesta concepção, a ausência traduzida pelo afastamento era considerada temporária, pelo que a terra mantinha a ideia da sua presença, através

² É desta época a canção «Americanos», de uma peça escrita e musicada por autores locais e representada em Mira de Aire em 1933: *Na Terruja das Menisas*, E. Morais et al., Mira de Aire, Dezembro, 1933, p. 4.

de uma imagem que continuava viva na lembrança de todos. E, para testemunhar essa recordação, organiza-se há muito a festa anual que lhes é especificamente dedicada — a Festa dos ausentes (em 26 de Dezembro); existe uma rua a que foi dado o seu nome — a Rua dos Ausentes; foi composto um fado por autores locais que se chama «Fado dos ausentes»³; ergueu-se no cemitério municipal um monumento cuja chama acesa perpetua a memória dos ausentes falecidos; no jornal local inseriram-se, desde o primeiro número, colunas dedicadas aos ausentes (dentre as quais destacamos, pela regularidade de publicação, a rubrica: «Quem parte saudades leva, quem fica saudades tem»).

Este ênfase e importância conferida à situação dos ausentes levam-nos a considerar o modo como eles actuam em resposta à sua terra. Há aqui que fazer uma distinção entre as migrações internas e a emigração para o estrangeiro, pois a situação geográfica da actual localidade de inserção dos migrantes condiciona necessariamente a regularidade das suas deslocações a Mira de Aire e a natureza dos laços que com ela estabelecem.

No passado, como no presente, são sem dúvida os «americanos» de Hartford, que já tivemos ocasião de referir, o grupo maior e mais activo radicado no estrangeiro⁴.

Unidos por um sentimento bairrista, dado pela sua ascendência comum, e com posições de destaque em várias instituições (por exemplo, Clube Português, Paróquia Portuguesa, etc.), os imigrantes mirenses de Hartford procuram recriar o seu convívio e o seu ambiente cultural de origem nos encontros periódicos que realizam. Este espírito de coesão e de solidariedade leva-os a uma grande união com a terra de origem, através da participação permanente nas suas actividades religiosas, beneméritas e outras. Mira de Aire reconhece-o agradecida⁵.

O jornal é um órgão de peso no estabelecimento de convívio diferido que por seu intermédio se continua a manter; completam-no as deslocações pessoais num ou noutro sentido, muito em especial em períodos de férias ou festividades. Salienta-se a grande importância que a autoridade religiosa mantém no enquadramento destas relações, pois o jornal é tradicionalmente orientado pelo padre da terra.

Os laços são de tal maneira estreitos e a inter-relação entre os grupos de tal modo conseguida, que os presentes transcendem o nível pessoal e atingem a dimensão de troca entre comunidades: Mira de Aire recebe as

³ In *Na Terruja das Menisas*, cit., p. 11.

⁴ Esta colónia foi-nos mencionada por todos com quem falámos sobre emigração em Mira de Aire. A importância numérica é confirmada pela contagem oficiosa feita em 1958 e publicada no número especial dedicado ao 25.º aniversário da vila no jornal *A Voz de Mira de Aire*, pp. 23-24. A contagem relativa dos actuais assinantes do mesmo jornal foi também por nós utilizada e revelou-se importante na avaliação deste fenómeno.

⁵

Os nossos ausentes

[...]

Muita coisa mandam quando há cá festejos.

Quando podem, eles dão

Roupas para os pobres,

Dinheiro p'rá festa

E até (vos garanto)

Dão o seu coração.

ofertas dos «americanos» (por exemplo, a pia baptismal da Paróquia Portuguesa). O ciclo fecha-se por uma comunicação contínua em duplo sentido: a terra natal é simultaneamente procurada pelos emigrantes e procura-os onde quer que eles se encontrem.

Como nota final aponta-se o facto de as boas e fortes relações entre as duas comunidades (Mira de Aire e Hartford) terem sobrevivido ao declínio da emigração para os E. U. A. e à actual corrente emigratória para a Europa, que, aliás, não atinge dimensão considerável (devido aos postos de trabalho oferecidos pela indústria local).

Mira de Aire continua, entretanto, a considerar os seus ausentes. Na vida e na morte, presentes e ausentes estão ligados por um entendimento activo. A uma religiosidade intensa aliou-se desde sempre um sentimento de profundo bairrismo, caracterizando a atitude global dos Mirense por um sentimento místico de verdadeira cruzada em favor da sua terra.

QUEIRIGA E VILA COVA-A-COELHOIRA

Tomámos inicialmente em consideração, de maneira conjunta, Queiriga e Vila Cova-a-Coelheira, a segunda e a terceira das aldeias escolhidas para exemplo do fenómeno em estudo.

Fazemo-lo por pertencerem ao mesmo concelho (Vila Nova de Paiva), pela pequena distância que as separa (cerca de 20 km) e pela posição geográfica no centro norte do País, o que, sendo comum a ambas, lhes confere a mesma posição de isolamento ao nível regional.

Com idênticas condições de relevo e de clima, conducentes ao mesmo tipo de agricultura (pequena propriedade cuja produção foi essencialmente cerealífera), e não existindo em qualquer delas nenhuma implantação industrial, poder-se-ia imaginar que a sua situação económica se desenrolara de forma comparável; no entanto, a riqueza mineral de Queiriga foi, no passado, um factor de diferenciação entre ambas⁶.

A situação destas aldeias na província da Beira Alta fá-las participar no movimento migratório, que sempre aí tomou proporções consideráveis, tanto dentro como para fora do País. Porém, as saídas de emigrantes de uma e de outra destas localidades, que não são mais que o reflexo de um fenómeno estrutural português, articulam-se conjuntamente, individualizando-se pela diferente localização dos destinos procurados e pelas fases do seu desenvolvimento cronológico.

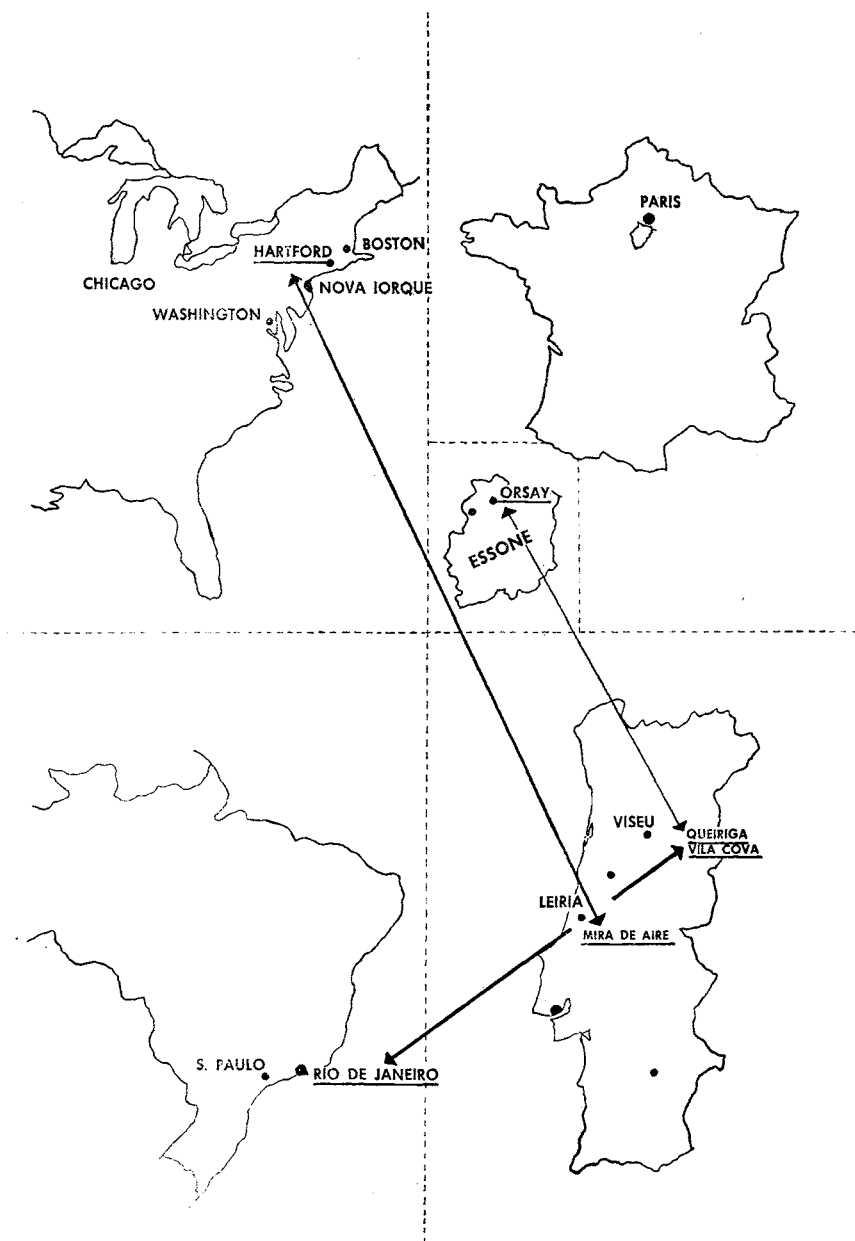
Na região da Beira existiu durante muito tempo um recrutamento de trabalhadores que tradicionalmente se deslocavam para o Sul e que, por períodos regulares, aí exerciam tarefas para as quais localmente faltava mão-de-obra.

Constituíam-se assim ranchos que se deslocavam aos Alentejos para realizar trabalhos temporários na agricultura com uma periodicidade anual⁷.

⁶ C. M. Fonseca da Gama, *Terras do Alto Paiva*, Lamego, 1940, pp. 345-356 e 367-373.

⁷ Estes trabalhadores eram designados comumente por *ratinhos*. «*Ratinho*: jornaleiro que vai do Minho ou da Beira, contratado ou não contratado, trabalhar noutras províncias, especialmente no Alentejo.» (*Grande Enciclopédia Luso-Brasileira*, vol. 24, p. 439.) A caracterização genérica dos «*ratinhos*» feita por J. da Silva Picão (*Através dos Campos*, Lisboa, 1947, 2.^a ed., pp. 191-210) mostra algumas diferenças em relação ao caso aqui considerado (época da partida, duração da emigração e meio de transporte).

Dipolos em interacção



O angariador local estabelecia os contactos pessoais de modo a poder fornecer um grupo de trabalhadores aos empregadores que vinham de fora e que, de aldeia em aldeia, juntavam os homens e mulheres necessários ao cultivo das regiões de latifúndio do Sul.

Paga por pouco — um salário⁸ que era a combinação de dinheiro e comida (designado por *comedias*) —, esta mercadoria humana, sedenta de encontrar lugares onde utilizasse a sua força de trabalho, fornecia ao responsável pela congregação o lucro proporcional ao número de cabeças reunidas.

Ia-se por dez meses — um período designado por *invernada* — e com quem pagava melhor. O restante do ano era passado na terra, junto das famílias; no mês de Setembro, o ciclo recomeçava num verdadeiro movimento pendular.

Tratava-se de um autêntico negócio, em que o lucro real era auferido pelos utilizadores e intermediários da comercialização desta força de trabalho, em verdadeiro regime de exploração do homem pelo homem.

Outra parte da mão-de-obra excedentária, dirigindo-se a Lisboa e regiões limítrofes, procurava na «grande cidade» oportunidades que rareavam em suas terras; muitos aí vieram a fixar-se definitivamente⁹.

Este panorama genérico, comum a Queiriga e a Vila Cova, fazia sentir-se de modo mais intenso na última das localidades, pois a existência de estanho e de volfrâmio proporcionou a Queiriga uma actividade de exploração mineira que muito afectou a vida local, pelas possibilidades de emprego que lhe estavam associadas.

Para o estrangeiro (nomeadamente para o Brasil) deslocava-se grande parte da mão-de-obra disponível, ou porque rejeitada pelas possibilidades de absorção locais, ou porque acreditava *a priori* ser possível conseguir uma promoção social mais rápida e espectacular em terra estrangeira.

Os agentes de emigração estavam a dois passos, na sede do concelho (Vila Nova de Paiva), e facilitavam tudo o que fosse necessário para a sua concretização, incluindo a deslocação até Lisboa.

Embora de Queiriga também se tivessem deslocado emigrantes para o Brasil, foi sobretudo de Vila Cova que para esse país se estabeleceram pontes de ligação, mantidas por grande número de pessoas saídas para fixar-se, muito em especial, no Rio de Janeiro e regiões circundantes.

Procurava-se quem já lá estava e iam-se lentamente constituindo ou engrossando colónias. Nasce, entre outras, a de Duque de Caxias, considerado o maior e mais bem estruturado destes grupos, a que é chamada Segunda Vila Cova¹⁰. Depois começaram a espalhar-se e «hoje é difícil

⁸ O salário em dinheiro pago a este tipo de trabalhadores era de 160\$ mensais em 1958. A ele juntavam-se as comedias, pagamento em géneros distribuídos mensal e semanalmente. Esta parte era considerada de extrema importância, na medida em que uma comida de má qualidade, reduzida e controlada diariamente, permitia a poupança dos alimentos duráveis, que eram trazidos no regresso para a terra natal. Para isso, os migrantes transportavam vazilhame apropriado, que no fim da invernada regressaria cheio de produtos que iriam reforçar a alimentação da família nos meses que se seguiam.

⁹ São disso testemunho as listas de pessoas cujos nomes vêm publicados no jornal de Vila Cova-a-Coelheira por terem contribuído para qualquer realização. Por exemplo, «Pessoas residentes em Lisboa que ofereceram esmolas para a Festa de N.ª S.ª da Paz», em *Voz da Nossa Terra*, ano XVIII, Agosto de 1971, n.º 221, p. 2.

¹⁰ [...] «Boa gente de Caxias. Quem ali vai sente a impressão de que está em Vila Cova. Até o falar é quase o mesmo. Nas ruas frequentemente se encontram

saber se o maior número reside no Rio de Janeiro, em Duque de Caxias, São João de Meriti ou em Nilópolis»¹¹.

A actividade profissional destes vila-covenses exerce-se sobretudo no domínio comercial, especializando-se na exploração de «padarias», tipo de loja onde, além do pão, se vendem vários artigos de mercearia e que assegura a actividade de grande número de emigrantes.

Desta maneira, tornaram-se conhecidas ao nível de concelho os «padeiros de Vila Cova», cujo desafogo financeiro permite grandes ajudas às realizações locais. Quando Vila Cova-a-Coelheira precisou de electricidade, abriu-se uma subscrição no Brasil para consegui-la. A construção do Santuário de Nossa Senhora da Paz deve-se aos «brasileiros», que participam, além disso, com as suas contribuições para a abertura ou melhoria de estradas e para obras na igreja.

No alto da torre do relógio (torreão do Calvário), uma estátua reproduzindo o Cristo do Corcovado lembra, pelo simbolismo que a imagem encerra, que os vila-covenses do Brasil quiseram assegurar a sua presença em Portugal.

A distância não permite a frequência das visitas, mas a sua regularidade mantém-se e, em compensação, as estadias fazem-se por períodos mais longos. Os filhos de alguns estão internados no colégio ou frequentam o liceu de Viseu, para prosseguimento dos estudos, alternando para isso as suas próprias idas ao Brasil com as vindas de seus pais a Portugal.

O jornal de Vila Cova é um órgão poderoso de comunicação, que incita à participação na vida da aldeia, estimulando-a pela natureza dos artigos que publica e pela forma emocional com que estão redigidos. Procura sobretudo estabelecer um contacto que forme uma teia entre todos os seus grupos — em Portugal, no Brasil ou noutros países¹².

A emigração para a Europa também ali teve lugar; sobretudo representativa no fim da década de 60¹³ e localiza-se principalmente em França, com uma concentração na região de Pau. Neste caso, as visitas a Vila Cova podem fazer-se de maneira mais frequente, anualmente, embora as estadias sejam mais curtas. Constroem-se actualmente em maior número as casas de «franceses», mas estes ainda não conseguem destronar a importância dos «brasileiros»: a constituição e o reconhecimento destes últimos como grupo de emigrantes são mais antigos, as suas realizações mais consistentes e a sua

caras conhecidas, pessoas amigas. Os estabelecimentos comerciais... as padarias, os botequins são, em grande parte, de Vila Cova. Tudo ali nos lembra a nossa terra. Fiquei a saber melhor a razão por que lhe chamam a SEGUNDA VILA COVA [...]» («Rumo ao Brasil — no Corcovado», in *Voz da Nossa Terra*, ano IV, n.º 37, Março de 1956, p. 8.)

¹¹ Entrevista na Rádio Vera Cruz e publicada na *Voz da Nossa Terra*, ano XVI, n.º 194/195, Maio/Junho de 1969, p. 6.

¹²

[...]

*Não é só para Vila Cova
Que tu vives querido jornal,
Chegas a todos os teus filhos
do estrangeiro a Portugal*

[...]

«Saudação» (da autoria de uma leitora), in *A Voz da Nossa Terra*, ano XVIII, n.º 216, Março de 1971, p. 1.

¹³ É só em Novembro de 1969 que o jornal local, *A Voz da Nossa Terra*, inicia os artigos dedicados aos «franceses», com o título: «Para França» (ano XVI, n.º 200, p. 1). Lembre-se que, desde o início, este jornal dedicara aos «brasileiros» uma coluna intitulada «Rumo ao Brasil».

existência celebrada há muito pelo jornal, pela ligação forte que o pároco com eles sempre procurou (e conseguiu) estabelecer.

No tocante a Queiriga, e em paralelo com a sua tradição emigratória, insere-se uma fase assaz especial, cujo apogeu se situa nos anos 30 e 40: «a época do minério», ainda bem viva na memória dos habitantes pelas grandes vantagens (mas também pelos grandes sofrimentos) que lhe estiveram associados.

A subida do nível de vida que se fez sentir e o consequente aumento do poder de compra são hoje reconhecidos como traços efémeros de uma fase transitória, mal aproveitada localmente. Os benefícios auferidos pelo desenvolvimento exponencial das receitas que a caracterizou não compensaram a falta de saúde e o luto causado pelo trabalho mineiro em Queiriga, nem o desencanto que acompanhou o seu fim.

Viúvas e filhas recordam hoje seus maridos e pais cujas vidas foram ceifadas pela silicose. Os que ainda vivem, afectados pela doença, lamentam profundamente o seu estado e são uma voz viva de revolta por uma situação injusta.

A assistência social, incipiente na época, mas inaproveitada pelo desconhecimento de quem a ela podia ter recorrido por direito, proporcionou a poucas dessas pessoas a protecção legal que lhes seria devida. Desta situação resultou um desequilíbrio social, traduzido por situações de desigualdade, tanto mais sentidas quanto representam casos iguais contemplados de modo diferente¹⁴.

Embora em Queiriga tivesse havido uma emigração para o Brasil, esta revela-se insignificante, dado o pequeno número de pessoas que para aí se dirigiam.

A «época das minas» precede o período da grande corrente migratória para a Europa, em que a França constitui um verdadeiro destino especializado; estas duas fases são perfeitamente caracterizadas, com importância distinta no seu desenvolvimento económico e social. As minas tinham parado a sua actividade e de novo a população de Queiriga via na agricultura, apesar de incapaz de lhe proporcionar uma compensação rendível, o único escoamento possível para uma actividade profissional local.

Desde os anos 60, cerca de 1000 pessoas deixam Queiriga sobretudo com destino a Pau e Orsay, em França (com cerca de 500 emigrantes nesta última localidade).

«Pelo seu número, equilíbrio na repartição por sexos, escalonamento de idades, coesão interna e padrões de vida, poderia considerar-se este grupo como uma subcomunidade portuguesa em território francês.»¹⁵

Em numerosos casos, a falta de preparação profissional em Portugal, aliando-se ao estatuto clandestino destes emigrantes, conduziu-os aos

¹⁴ Há quem receba pensões de viuvez e quem as não receba. (Para referir a primeira destas situações diz-se em Queiriga que «o marido continua a ganhar mesmo debaixo da terra».)

Existe quem, tendo afecções de saúde comparáveis, receba, ou não, subsídios de invalidez. Isto é mal aceite e dificilmente pode compreender-se, pois, muitas vezes, a razão de tais diferenças assenta na falta de preenchimento de um papel ou na falta da sua entrega nos prazos estipulados por lei, que se devem a um desconhecimento por falta de informação (considerada actualmente como fraudulenta).

¹⁵ Maria Beatriz Rocha Trindade, «Sobrevivência e progresso de uma aldeia despovoada», in *Geographica*, ano IX, Julho de 1973, n.º 35.

escalões mais baixos da construção civil e obras públicas, lugares que em França oferecem condições de acesso mais fácil. Outros, dirigindo-se directamente à agricultura, não fizeram mais do que continuar a actividade profissional que exerciam anteriormente.

Procurando ajudar os que ficavam na aldeia, e muitas vezes a seu próprio pedido, facilitaram um grande movimento de saídas para o estrangeiro pelo chamamento de parentes e conhecidos, pela sua instalação nos primeiros tempos de estadia e pela ajuda moral e material que lhes dispensaram.

Partiram homens, seguidos por outros homens, depois mulheres e, finalmente, as famílias puderam reunir-se; outras constituíram-se já em França.

Havendo bases humanas para reconstruir a estrutura social de origem, puderam transplantar-se para França, quase sem alterações, as formas de vida e a organização social e tipo de convivência que existiam na aldeia.

Os portugueses de Queiriga eram já tão numerosos na região de Limours-Orsay que se individualizaram, formando um grupo de características próprias, bem conhecido pelas suas actividades.

Os breves encontros no fim do dia prolongam-se nos encontros dos fins-de-semana, que, sendo mais longos, de tímidos e informais se organizaram e se institucionalizam. Fala-se na rua, frequenta-se o mesmo café e a casa dos outros portugueses.

Em Orsay, os queiriguenses visitam os seus doentes, como o fazem os mirenses nos E. U. A. Os queiriguenses dançam na rua em Orsay, ao som de música portuguesa, tal como os mirenses o fazem no Clube Portugêes de Hartford.

O mesmo espírito preside a esta inter-relação social, cujo fundamento assenta na forma de um dominador cultural comum.

O País, não estando longe, permite um vaivém que conduz os portugueses à «invernada» francesa e torna a trazê-los à sua aldeia no único e curto mês de férias de que dispõem.

Queiriga, transformada pelas casas dos «franceses», perdeu o seu carácter rural e modificou-se do ponto de vista topológico, ganhando um aspecto urbano. Os seus acessos rodoviários e a sua parte nova escondem um núcleo granítico de construções tradicionais.

A vida é intensa. Em Agosto há pessoas em casa e nas ruas e de novo se vê aparecer em Queiriga homens e mulheres jovens.

O contacto profundo que se manteve entre as partes da mesma comunidade, durante os meses em que estiveram separadas, contribuiu para que nenhum dos elementos que as constituem se sinta constrangido quando se restabelece o convívio mútuo. Ninguém se sente estrangeiro de volta à sua terra e quem não partiu espera com uma alegria incontida todos os que vêm. Trata-se apenas de um afastamento geográfico, encarado como temporário, pois as relações sociais restabelecem-se com intimidade, naturalmente. Quantos dos habitantes de Queiriga não foram já a França este ano e alguns por mais que uma vez!

Assinale-se que uma pequena camioneta de um antigo emigrante faz com regularidade viagens para França, levando de Queiriga pessoas, encomendas e recados.

O jornal *Voz de Queiriga* é, como os jornais de que já falámos, uma voz viva que mantém a presença e a ligação entre os filhos da terra. O padre que o dirige foi um verdadeiro catalisador de acções em favor do associa-

tivismo e da união dos Queiriguenses, declinando actualmente a sua actividade na medida em que é sentida como menos necessária.

Os presentes dos imigrantes para a sua terra são essencialmente de natureza religiosa. Como em Mira de Aire, algumas das ofertas têm perpetuada a origem dos dadores por meio de dísticos: «Imigrantes de França», na porta da igreja, é um caso típico.

Verifica-se em Queiriga (como já apontámos para Mira de Aire e Vila Cova-a-Coelheira) uma interacção intensa entre as partes de uma mesma comunidade, as de origem e as emigradas, que, pela manutenção constante de elos de ligação, conseguem conservar traços de uma certa unidade cultural¹⁶.

CONCLUSÃO

Como causa comum da saída dos emigrantes de qualquer das localidades indicadas pode apontar-se a falta de uma ocupação profissional rendível que nelas tivesse possibilitado a sua permanência e inserção.

Sem uma actividade de tipo industrial ou comercial que, pelo seu desenvolvimento e continuidade, facilitasse ao nível regional empregos à mão-de-obra disponível, de modo a assegurar a vida do dia-a-dia, as populações foram obrigadas a movimentar-se na busca da ocupação que asseguraria a sua subsistência e permitiria ultrapassá-la.

Dentro do território português, as migrações internas deslocaram trabalhadores de umas para outras zonas rurais, ou conduziram-nos às cidades para a realização de trabalhos de obras públicas, ou de trabalhos particulares (muito em especial, no âmbito da construção civil). Dando deste modo ao migrante uma abertura para o exterior, fizeram que viesse a fixar-se, em muitos casos definitivamente, numa zona diferente daquela em que nascera.

E, dado que, no quadro português, a receptividade limitada do mercado de trabalho metropolitano não permitiu a absorção total da mão-de-obra que o procurava, grande parte dela foi obrigada, como vimos, a ir buscar ao estrangeiro o que lhe era recusado no seu próprio país.

Em resumo, tanto a emigração para o estrangeiro como as migrações internas se podem considerar, nos casos aqui apontados, movimentos de pessoas conduzidas por imperativos de ordem económica, embora existindo em diversos graus e sob diversas formas.

As migrações internas identificam-se a um mecanismo regulador da distribuição regional de mão-de-obra. A emigração, no seu verdadeiro sentido de saída para o estrangeiro, é comparável a uma válvula de escape que alivia o País da sobrecarga humana a cujas necessidades e anseios não foi capaz de responder.

A vontade e, porque não dizê-lo?, a necessidade de emigrar foram duas constantes que se revelaram suficientemente fortes na superação das dificuldades surgidas a quem desejou fazê-lo legalmente sem o conseguir. Nem a retracção económica dos países de imigração, nem as várias disposições legais portuguesas e internacionais foram capazes de sustentar as saídas clandestinas de emigrantes, com o que esta situação acarreta

¹⁶ O estudo dos portugueses de Queiriga em Orsay foi analisado de maneira exaustiva em Maria Beatriz Rocha Trindade, *Immigrés Portugais*, Lisboa, I. S. C. S. P., 1973.

de desenquadramento e de falta de apoio. É uma realidade dura da nossa história da emigração, a que os meios de informação deram grande relevo na actualidade. Não se trata de um fenómeno novo, nem sequer característico da emigração para a Europa; conheceram-na de igual modo os emigrantes portugueses para as Américas¹⁷.

A escolha dos destinos dos emigrantes, embora dependendo de uma situação de conjuntura internacional, é sem dúvida condicionada ao nível local por uma informação directa, cuja influência se revela da maior importância. Os que já emigraram são, por assim dizer, o canal condutor dos eventuais migrantes aos seus futuros destinos. Deste modo, tendendo a reunião de uns e outros a fazer-se nos mesmos lugares de fixação no estrangeiro¹⁸, pode dizer-se que, a partir da concentração de um determinado número de naturais do mesmo lugar, ela toma características especiais.

Há uma espécie de limiar crítico, a partir do qual se criam condições para a formação de um grupo — uma subcomunidade¹⁹ — que se estrutura socialmente com base no modelo cultural de origem.

Procura continuar-se a respirar o ambiente português e, por isso, tenta prolongar-se o País através da transplantação de traços culturais de natureza material e espiritual.

Esta atitude é ajudada ao nível local pelo enquadramento que o País lhes proporciona. Neste sentido deve salientar-se o apoio que foi fornecido aos emigrantes através das várias actividades para eles especificamente organizadas e mantidas pelos párocos locais.

A manutenção destes elos de ligação tem sido feita sobretudo pela publicação de pequenos jornais regionais (lembramos que qualquer dos jornais aqui considerados foi criado a partir de um boletim paroquial). As notícias que inserem transportam o emigrante à pequena dimensão social onde viveu; a personalização da informação mantém-no actualizado e permite-lhe de maneira viva acompanhar o andamento da sua comunidade de origem, estimulando sentimentos patrióticos e emulando uma competição que desenvolve em relação aos seus conterrâneos.

Por seu intermédio colhem-se fundos para apoio das actividades e realizações da Igreja; incrementam-se outras realizações locais; faz-se promoção

¹⁷ «[...] A emigração clandestina não é facto totalmente novo. No século XIX, durante o período estudado por Oliveira Martins (1866-1888), era considerável o número de 'ilegais'. [...] É hoje relativamente difícil conceber como se desenrolava a emigração clandestina transatlântica, dadas as formalidades impostas actualmente. Era, no entanto, processo utilizado por largos milhares de pessoas.» (Carlos de Almeida e António Barreto, *Capitalismo e Emigração*, Lisboa, Prelo 1967, p. 184.)

¹⁸ Veja-se, sobre este fenómeno, Alain Girard, «Migrações: equilíbrio natural ou desigualdade temporária», *Emigração — Problema Multinacional*, Ed. Publicações Dom Quixote, 1973, p. 34: «[...] Os emigrantes reagrupam-se também por bairros nas maiores cidades, ou no território das comunas de subúrbios urbanos ou das regiões mais industriais. Os caminhos que tomam em nada obedecem ao acaso. Seria possível sobrepor de qualquer maneira um mapa de Portugal ou da Argélia sobre um mapa de França, e veríamos que tal comuna, ou tal aduar de Cabília, dirige os seus homens de preferência para tal bairro ou tal fábrica de Lião ou da região parisiense; tal aldeia italiana plantou um rebento em Lot-et-Garonne; ou em Orsay, no arrabalde parisiense, habitam 350 portugueses, todos originários da mesma aldeia. [...]»

Veja-se também Maria Beatriz Rocha Trindade, *Imigrés Portugais*, cit., p. 146:

¹⁹ «Subcomunidades são, na nossa acepção, partes constituintes de um todo, que não ganharam entre si, ou em relação a este, completa diferenciação e total independência.» (Maria Beatriz Rocha Trindade, «Sobrevivência e progresso de uma aldeia despovoada», in *Geographica*, cit., p. 24.)

comercial através de anúncios e publicações²⁰. Em resumo, o jornal, embora de maneira indirecta, permite um diálogo para além-Atlântico ou para além-Pirinéus.

Certas instituições morreram e desapareceram em Portugal, outras surgem. Embora muitas continuem, na aparência exterior, a conservar o seu aspecto formal, há uma transformação sensível das suas funções. A mudança de posições na sociedade, com o necessário desempenho de papéis diferentes, traduz afinal o poder de sobrevivência e adaptação social do Homem.

Como prisioneiro da sua cultura, o emigrante não consegue dela desligar-se integralmente nos movimentos espaciais e sociais que realiza. Transporta-a e modifica-a numa dinâmica que caracteriza a sua própria existência.

Ao partir para o desconhecido, natural se torna pois a atitude que têm os emigrantes de procurar apoio junto de quem lhes é culturalmente semelhante, de modo a atenuar a descontinuidade produzida pelo afastamento do seu país.

Este facto muito contribui para a definição de destinos especializados. São disso exemplo os movimentos migratórios de Mira de Aire para os E. U. A., de Vila Cova-a-Coelheira para o Brasil e de Queiriga para a França.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALMEIDA, Carlos, e BARRETO, António, *Capitalismo e Emigração*, Lisboa, Prelo, 2.^a ed., 1975.
- CARREIRA, João, *Isto é Mira de Aire — Revista em 3 Actos*, Mira de Aire, 1958.
- GAMA, G. Manuel Fonseca da, *Terras do Alto Paiva — Memória Histórico-Geográfica e Etnográfica do Concelho de Vila Nova de Paiva*, Lamego, edição do autor, 1940.
- GIRARD, Alain, «Migrações: equilíbrio natural ou desigualdade temporária», in *Emigração — Problema Multinacional*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1973.
- HÄGERSTRAND, *Innovation Diffusion as a Spatial Process*, Chicago Press, 1967.
- MORAIS, Ernesto, et al., *Na Terruça das Menisas*, Leiria, 1933.
- PICÃO, José da Silva, *Através dos Campos — Usos e Costumes Agrícolas Alentejanos (Concelho de Elvas)*, Lisboa, José Nunes Tierno da Silva, 2.^a ed., 1947.
- ROCHA TRINDADE, Maria Beatriz, *Immigrés Portugais*, Lisboa, I. S. C. S. P., 1973, e «Sobrevivência e progresso de uma aldeia despovoada», in *Geographica*, n.º 35, ano IX, 1973, pp. 4-23.

PUBLICAÇÕES CONJUNTAS:

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa-Brasil, Enciclopédia, vol. 24.

PERIÓDICOS:

Voz da Nossa Terra
Voz de Queiriga
Voz de Mira de Aire

²⁰ Uma «análise de conteúdo» dos três jornais em causa permitiu obter, por uma procura sistemática e exaustiva, a informação sobre as actividades dominantes das aldeias e das suas comunidades no estrangeiro. A título de exemplo, num número do jornal *Voz da Nossa Terra* aparecem mencionados 35 (!) estabelecimentos de padaria ou similares de vila-covenses no Brasil. Pela leitura da *Voz de Mira de Aire* infere-se que a actividade dos Mirenses se liga predominantemente às indústrias de lanifícios e curtumes.